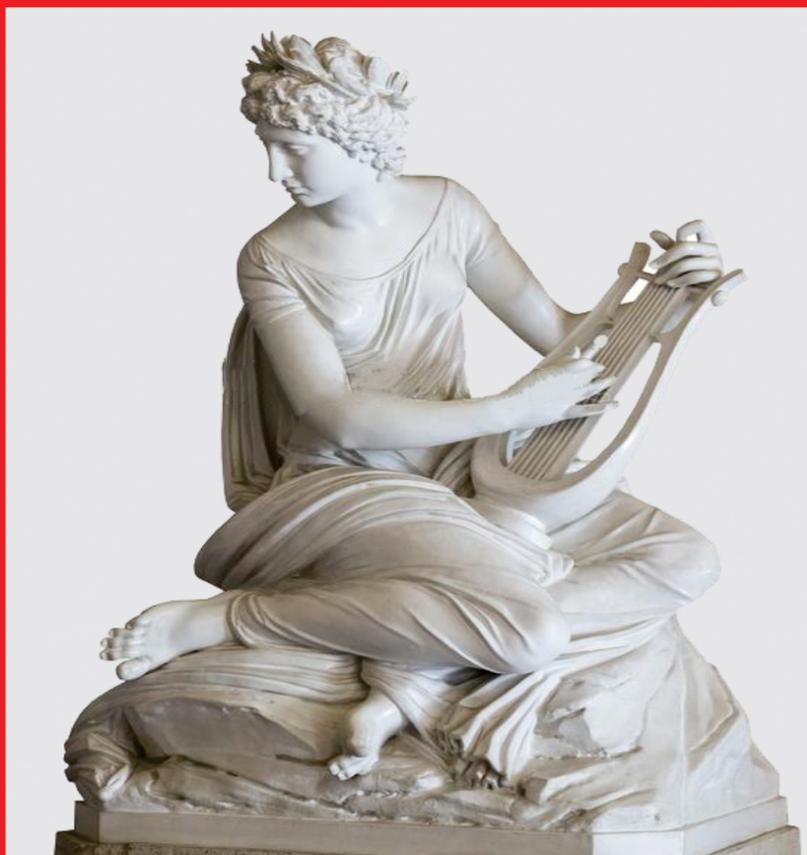


Ricardo Almeida



A Preciosa Substância

Ricardo Almeida

A Preciosa Substância



© by Ricardo Almeida

Direitos autorais reservados

Editoração eletrônica: Nicolle Schuch

Capa: Nicolle Schuch (a partir de imagem free disponível na internet)

Revisão: João Vitor Berg

Arquivo digitado e corrigido pelo autor, com revisão final do mesmo, autorizando a impressão da obra.

Editor: Rossyr Berny

Contato com o autor: ricardojsalmeida@gmail.com

Para conhecer mais autores da Alcance acesse:

www.editoraalcance.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A447p Almeida, Ricardo José de Souza.

A preciosa substância / Ricardo José de Souza Almeida. – Porto Alegre: Alcance, 2023.

1. Literatura Rio-Grandense. 2. Poesias Rio-Grandenses.

I. Título.

CDD 869.9917

Bibliotecária responsável: Daniela S. Christ CRB 10/2362



 (51) 9 8535.3970  (51) 3268.7803
 rossyr@editoraalcance.com.br
 /EditAlcance  @editoraalcance_oficial
 www.rossyrberny.com / www.editoraalcance.com.br
 Rua Bororó, 5 - Bairro Assunção - PoA/RS - 91900-540

Para
Cláudia
Eleonora
Mara

Para
os Rolling Stones.

A poesia,
A preciosa substância,
A mais nobre das artes literárias.

Poemas de temática variada

DEPOIS

Depois de o Planeta demolido,
Depois de o Sol explodido,
Depois de o Universo apagado,
Quando novos Universos acenderem
E a lei cósmica seguir o infinito
Em face do movimento eterno,
O AMORTOTAL por certo haverá.

Depois de o conjunto de forças,
Na dança de matéria e energia,
Tornar claros os mistérios,
Triunfará indelével a substância
Do AMORTOTAL além de tudo.
Se nada mais houver por fim,
O AMORTOTAL por certo haverá.

POEMA SOLAR

O Sol tem importância maior.

Se não houvesse o Sol,
Não existiríamos,
Nenhuma obra da Humanidade aconteceria.

O Sol rege todas as coisas
De nosso sistema,
É fundamental para a vida na Terra.

O Sol é protagonista,
Aquece, dá luz e proporciona giro
A nosso Planeta de tantas maravilhas
No qual só existe ânimo
Pela incidência solar.

O Sol é um Deus bem escolhido
Por tudo o que significa.

É noite agora,
Mas amanhã ele novamente surgirá.

Nós confiamos no Sol,
E temos que confiar.

FUGACIDADE E PERMANÊNCIA

O quanto lembramos
De todo o leque de acontecimentos?

Qual é a porcentagem das passagens
Lembradas
Em relação às passagens vividas?

Quantos episódios se perderam
No sumidouro dos arquivos perecíveis?

Abro a usina das recordações,
Uma vida inteira realiza tantas coisas,
Mas nem todas se conservam na memória.

Que maravilha que lembramos
Um universo de momentos!
Contudo há um universo no esquecimento.

Quero cantar agora
O silêncio e a diluição dos instantes
Que vivemos e se tornaram
Voláteis à evocação
E de cuja forma nada mais resta.

Se ao evento falta presença na memória,
Consideremos o sentido crucial
De que um dia foi vivido.

AS GARRAFAS

As várias garrafas de vinho
Vazias sobre a mesa
Dizem que deu viagem.

Dizem que pensei em ti
Ou em alguma coisa
Que me deu saudade infinita.

Alguma coisa propulsora
Das loucuras que ainda vou fazer
Dando chance ao imprevisto.

As várias garrafas de vinho
Vazias sobre a mesa
Dizem que a poesia está presente.

Dizem que se deve procurar o amor
Onde ele se fizer bonito
E ele será refinado em ouro.

Alguma coisa sem tempo,
Sem espaço, sem qualquer equação,
Mas consistindo no teor da liberdade.

As várias garrafas de vinho
Vazias sobre a mesa
Dizem que quero a excelência.

Dizem que amo os recantos do mundo
Onde haja flores, vinho e paixão
E música a sublimar o instante.

Alguma coisa que valha a pena,
Vencendo tanta adversidade
E conquistando o território dos sentidos.

DATA

As águas do Guaíba
Estão cansadas agora
E por isso plácidas.

O cordão de luzes
Deita-se no silêncio
Da superfície molhada.

São quatro horas
De uma fixa madrugada.
Que casais se trançam?

Quem bebe nos bares?
Quem alucina nos bordéis?
Quem corre perigo?

Depois da chuva fluente,
O vento exausto parou.
Vejo da minha janela.

Dá para improvisar
Algo de superlativo
No pouco movimento?

Como não perder a noite,
Que é única e não volta,
No escaninho das moradas?

O exterior a cada ser
Restringe possibilidades,
Cala opções agora.

Sigamos a viagem interior,
Uma bebida aveludada,
O sexo no alcance.

Dizer: eu estive
Neste lugar e neste tempo
E vivi algo nesta data.

EXERCÍCIO DE IMAGINAÇÃO

Fico pensando na parceria
Que nunca aconteceu
Entre Neruda e Gardel.

Com certeza surgiria dali
Alguma apoteose
Na forma de palavra e melodia,
Um tango ou um poema
A encantar a América Latina
E o mundo por extensão.

Fico pensando nas coisas grandiosas
Que não se consumaram
Por causa dos caminhos divergentes
E do fado em desencontro.

Onde dormem tais obras maiúsculas?
Não sabemos em que lugar descansam
Sua perda maravilhosa,
Mas estão agora na imaginação
De quem sonha
Mais do que a realidade pode limitar.

SUPERNOVA

Vamos, querida, assistir
Ao magnífico espetáculo
Da explosão de uma estrela supernova,
Aceitemos o delírio.

Estamos de camarote
Em um lugar solitário do futuro.
Como é lindo o espaço sideral
Visto daqui!

São tantas cores violentas
E muita luz exacerbada,
É gigantesco o panorama
No bombástico acontecimento.

Composto de matéria e energia,
O véu de noiva dissipado no breu
Tem uma plástica potente
Em sua romântica e distante solidão.

A gaze luminosa
Tingindo de fótons o vazio
Instiga à estelar reflexão:
Haverá sentimento de padrão universal?

O ARTEFATO

Vi no teor de um documentário:
Um artefato de conteúdo vário
Viaja a perder-se na amplidão,
Avança na espacial solidão.

Leva um disco de ouro
Onde está gravado um tesouro:
Elementos da terrena história
Com exemplos da nossa trajetória.

Deixará o Sistema Solar um dia,
Depois a Via Láctea luzidia,
Vagará pra sempre no Universo,
Se escapar de objeto transverso.

Depois da terráquea extinção,
Quando não restar configuração,
Será uma carta ao infinito,
Memória de um comovente grito.

ROLETA

Este é um jogo de roleta,
Não entres aí que vais perder,
As probabilidades estão contra ti,
Tudo é calculado para tua derrota.

Giram os números na chance exígua
Já que decidiste apostar
No amor sem promessa e confissão
E com sigilo demasiado.

Almejas puxar as fichas do acerto,
Arriskas o mais alto que consegues,
E ela realmente é uma beleza,
De um sofisticado figurino.

Tens ímpeto de apostar no pleno,
Mas o número da vez
Recai na casa do abandono,
Ela escolherá outras paragens.

Deixas o cassino desolado,
O sentimento aberto no feltro
Não sensibilizou seu coração.
Ela ergue a taça de outros interesses.

TRAIR É SUBTRAIR

Ilusões humanas dissipadas
Por decepções inesperadas
Trazem perdas no sentir,
Digo que trair é subtrair.

Canto esta forma de elegia,
Desencantos do lume que havia
Trazem perdas no sentir,
Digo que trair é subtrair.

REI DIVAGO

No castelo onírico,
Vive o rei das ilusões
Em sua colisão com a realidade.

O mundo dos sonhos do rei
Está em conflito com os fatos
Do cotidiano pragmático.

O nosso rei Divago
Tem ideias mirabolantes
Que pouco se realizam.

Divago é muito imaginativo,
Mas carece de planos de ação.

Colunas de ar
Sustentam o reino da utopia.

O rei Divago
Tem pensamentos brilhantes,
Mas é sabotado pela corte.

Tem apreço pelo povo,
Mas não consegue ajudar.

Às vezes fica encastelado,
Refletindo,
Imerso em divagações.

Nem sempre boas ideias
Rendem boas ações.

O TRAPEZISTA

O trapezista nas alturas espera,
Há o risco da queda severa,
Ele voa na tensa sincronia,
A contagem exata desafia.

A barra vai e vem,
O trapezista no impulso se mantém,
Acerta o salto combinado,
Gira no ar o seu traçado.

Imprescindível é a precisão,
Há um abismo até o chão,
O trapezista lida com o trágico,
Desenha o arabesco mágico.

Concentrado no certo movimento,
O trapezista lê no vento,
A plateia vê a vertigem,
As imposições do espetáculo exigem.

ENTRE BONANÇAS E PROCELAS

Entre bonanças e procelas,
O navegador continua.
Prediz que um mar doce
Ocorrerá no balanço dos instantes.

E assim, de açúcar e de sal
Acontecerá a viagem
Por um oceano surreal,
Singrando a terna superfície,
Desafiando a densa profundidade,
Adentrando o mar indefinível.

OS PEIXES

Num trajeto de viagem,
Passo por um arroio barrento.
Os peixes têm olhos proeminentes
Para enxergarem na água turva.

Por que têm olhos eficazes
Conseguindo nitidez na impureza?
Tudo é como tem que ser,
Os peixes desenvolveram olhos capacitados
Moldados pelo meio.

No mundo tudo é produto do meio.

Tudo que se forma tem uma função
Para existir e sobreviver,
A seleção natural
Age de maneira sistemática.

Os sentidos e as percepções
E a fisionomia seguem
O aparelhamento natural do corpo
Estruturado pelo ambiente.

Todas as plantas e os animais
– Os seres vivos em geral –
São como o Planeta determina que sejam,
E a vida espalhada pelo Cosmo
Articula-se conforme o meio universal a define
Na construção da anatomia.

O GRUPO

Está belo o entardecer hoje.
Quantas pessoas compartilham,
Neste momento,
A visão do horizonte ensanguentado!
Tenho algo em comum com elas:
A contemplação deste poente.

Formamos essa identidade,
Somos um grupo deslumbrado no fim da tarde,
Cada um mirando de seu nicho habitacional
O incansável Sol de todos os dias
Mais uma vez precipitar-se ao longe.

Quanta coletânea de poentes
Os participantes deste grupo casual
Ainda poderá ver em suas vidas?
O que nos une neste pôr do sol fugaz
Além da beleza compartilhada?

Veio a noite espessa agora,
Cada um ocupa-se com os caracteres de seu mundo,
Desfaz-se a comunhão dos adoradores
Encantados com aquela agonia solar.
A vida segue pós-apoteose
E formamos uma identidade coletiva
Sem nunca sequer nos conhecermos.

DA JANELA

Meu apartamento de tanta história,
Da Rua Fernando Machado,
Configura-se de frente a fundo:

A frente dá para o sul,
Para a superfície do Guaíba,
Para a margem luminosa à noite,
Para o morro Santa Teresa.
Enxerga-se daqui a direção da Fronteira.

O fundo dá para o norte,
Para uma nesga de rio
Soterrada por concreto.

Na janela costumeira ao sul,
Demoro na fluência visual,
No prazer contemplativo,
No estado de reflexão.

Casam-se imagens e sentimentos,
E o desprendido pensamento
Flui pela paisagem habitual
Estimulando impulsos de poesia.

RUA DA PRAIA

Pela Rua da Praia recorrente
Quantas gerações passaram?

Desde o tempo das gurias de minissaia,
Da música “Alegria, Alegria”,
Da banana split nas Americanas,
Nela vêm transitando os costumes
Peculiares de cada época.

Já foi mais glamorosa talvez,
Rua dos Andradas da Livraria do Globo,
Do passeio dos estudantes,
Das lojas investidas no seu ciclo.

Rua da Praia dos encontros,
Dos bancos da Praça da Alfândega,
Dos apreciadores do movimento,
Do andar vadio e do flerte.

Hoje me parece mais objetiva,
Perambula-se menos a lazer,
Artéria central dos compromissos,
Do selete ponto comercial.

Quem tem de memória seu formato
No câmbio temporal dos cenários?
Saudemos o registro fotográfico
Que guarda cada fase sua.

Há tempos o rio foi recuado,
De praia ficou mesmo o apelido,
Rua inspiradora de canções,
Símbolo afetivo de Porto Alegre.

PERDAS NO TEMPO

Meu receio é que tudo se perca
E escorra pelas fendas do tempo
(E não deveria se perder),
É preciso que permaneça o memorial.

As pessoas vão morrendo
E desaparecem com elas
Lembranças e relíquias
Da história construída,
Cartas, e fotos, e obras de arte.

O tempo costuma sorver
Os acontecimentos,
Menos transmitidos
A cada geração que avança.

Cada morto dissipa o registro
Do círculo histórico de sua vivência:
Testemunhos do que existiu,
Pertences de família,
Objetos da interação social.

O que restará do inventário
Intelectual e sentimental
Da trajetória de quem se vai?
Quantas gerações resistirão
A sustentar um fato ou episódio
De seus antepassados?

Torçamos para que não sejam sepultados
Os momentos vividos
Dignos de posteridade
Com o passamento da carne transitória.

PASSAMENTO

O que ficará após a morte?
O legado consistente havendo sorte
Dos que têm o privilégio do talento
E o repertório de luzes no pensamento.

O que ficará após a morte?
Caminhos lembrados de sul a norte,
A permanência por um tempo na memória
Daqueles que integram nossa história.

Quem sentirá termos partido?
Para sempre fica o momento bem vivido
Com felicidade e prazer na fluência,
Nada apaga o sabor da experiência.

Só o instante venturoso na vida
Ganha certeza de posteridade garantida.

PERDAS

Da fachada norte do meu apartamento,
Vê-se ainda um pedacinho do Guaíba.
Levanta-se agora um edifício
Obstruindo a água e a torre da igreja.

Nada restará do rio visto daqui,
Será apenas recordação da paisagem,
Em lugar da imagem confortável
Haverá o painel de quadrículas humanas.

Penso nas coisas suprimidas ao longo da vida,
No que perdemos e nos habituamos.
Há que transfigurar os olhos para ver
Tudo aquilo que ficou pelo caminho.

Os lugares vencidos pelo tempo,
As amantes na lembrança esmaecida,
Há que transfigurar os olhos para ver
Tudo aquilo que ficou pelo caminho.

A PUXADORA

Lembro da festa de amigos na cobertura
Acima do décimo quinto andar
Do edifício Associação Rural,
Tudo na juventude é eterno.

Eu e a beleza completa de Sílvia,
Minha namorada daquele período,
Integramos a roda de violão nas alturas,
Eu e Marcus Flávio fizemos o show.

O que haveria de eternidade
Naquela noite entre outras?
Só agora sei o quanto ainda existe,
A morte é puxadora de lembranças.

Noutra ocasião à margem da estrada
Num sítio de Livramento a Quaraí
A mesma turma e o mesmo som
Dos devotos violões a propagar...

Marcus não está mais entre nós,
Nem sua interpretação de Avôhai,
Nem a sua música para a Sarandi,
Nem o que o tempo leva e deixa para trás.

FUTURO

Ó futuro, tu és véu à sequência dos fatos,
Objeto de tantos vaticínios,
Muito se especula sobre tua face,
Carregas intrínseco o destino.

Qual será o amanhã do Planeta?
Qual será o amanhã da Humanidade?
És o estuário de toda a trama das coisas,
Ficamos a imaginar tua forma.

Divindade a quem se dedicam prognósticos,
Fazedor e desfazedor de expectativas,
Nem tu sabes para onde vai teu fluxo
Na carne geral de causa e consequência.

A ti converge a trajetória do mundo,
Prezado futuro, aguardas a constituição
Do que seremos todos na marcha do tempo,
Nós que viajamos para tua substância.

Por enquanto és apenas carta fechada,
Abstração e sonho e esperança,
Ocultando inferno e paraíso
Que nos esperam no porvir indefinido.

BANCO DE PRAÇA

Quanta história
Está guardada em um banco de praça!
Acomodam-se em seu formato
Contempladores, solitários,
Fatigados e amantes.

Espaço democrático,
Oferta-se por igual
A quem o busca
Para uma pausa na mobilidade
E ali se dispõe observador.

Quantas biografias anônimas
Se revezam a ocuparem
Os populares bancos de praça!
Quanta existência se faz acolhida
Em meio ao tapete de folhas,
Em meio à copa das árvores!

Na textura do banco de praça,
Exercita-se a dialética variada,
A reflexão silente,
E uma coletânea referente à vida
Atravessa os tempos
Guardada na memória do vento.

AMIGO

Como acontece a amizade?
Que amálgama configura seu evento?
Como ganha consistência
E se mantém, tenaz,
Na forma de ligação perene?

Começa e vai crescendo
Na relação social,
Numa certa afinidade,
Na jornada comum,
Numa adquirida lealdade.

Em síntese,
Um amigo quer o bem do outro,
Torce por seu êxito,
Dá-lhe suporte na dificuldade,
Brinda presente na alegria.

O amálgama do ser amigo
É um sentimento de fraternidade
Constante no tempo.

Mesmo a distância geográfica,
Mesmo o afastamento
Devido às circunstâncias
Não afetam o reduto essencial
Onde a amizade ganhou substância.

Além do bem-querer,
Há um fator decisivo
Para a conquista de ser amigo,
Para a qualidade do elo a se manter:
Terem, os amigos, uma história comum,
Terem vivido bons momentos,
Terem trajetória compartilhada,
Terem intersecção das biografias.

TODOS NÓS

Todos nós que ganhamos a existência,
Considerando a soma de todas as épocas
Na história da Humanidade,
Somos privilegiados.

Ganhamos a chance única de viver
O que é um grandioso ensejo,
Triunfamos na carta das possibilidades,
A combinação de inúmeros fatores nos gerou.

Somos parte do tecido da Terra.
Em concepção mais ampla,
Somos parte do tecido universal.

Quantas pessoas deixaram de vir ao mundo
Por desencontro na antiga trama do destino.
Para existir é preciso encaixe na árvore dos genes.

Nós que agora estamos
Viajando neste acontecimento maravilhoso
Que é a vida
Temos ligação com todos os que já passaram
Por tantos giros do planeta.

Somos descendentes de uma enorme coletividade
Dos que construíram a espécie humana
Através das eras.

O que cada um faz com a sua preciosa chance
Depende das circunstâncias, do contexto,
Da estrutura individual, da composição do ser.

Sim, a existência é tudo,
A inexistência é nada.

Na confusão do cruzamento dos gametas,
Somos todos parentes no curso da história.
Temos o ânimo aceso da vivência
E se examinarmos com critério a Terra fecunda
Poderemos nos reconhecer como fraternos.

HORIZONTE

Tem sorte quem enxerga longe,
Quem tem o grande objetivo,
Quem tem o grandioso propósito,
Quem tem o horizonte como referência.

O mirar que procura o distante
Leva à mais extensa perspectiva,
À mais completa visão de mundo,
Ao mais valorizado alcance.

Quem visualiza o longe conhece melhor
O panorama que se oferta para o amplo,
Os horizontes dão discernimento
E matiz superior para a vida.

O descampado longínquo chama
O olhar que se faz cognitivo,
A paisagem a perder de vista
Constrói no tino a compreensão maior.

O SONHO

Há vários tipos de sonho:

O sonho que almejamos,
O sonho fundamental do sono,
O sonho dos ideais e sua causa,
As quimeras, as utopias...

O sonho é a nascente da realidade,
O primeiro evento para concretizá-la,
A ignição que gira a ciranda dos fatos.

O sonho é vital para a saúde da existência,
É a propulsão do tecido real,
O impulso a criar objetivos.

As diversas construções do Homem
Não se fariam sem o lastro sonhado,
Sem um projeto voluntarioso,
Sem uma concepção onírica.

A arquitetura do desejo
Nasce em algum reduto do ser
E se manifesta no sonho vertente,
Na diretriz dos passos que buscam.

Sonhemos,
Ó humanos de todos os quadrantes,
O futuro aguarda os sonhadores.
Tenhamos imaginação
Para a substância e para o significado
De tanto querer.

UMA BANDEIRA

É preciso salientar a compaixão.
Meu povo anda triste,
Passa fome apesar da luta,
Está cansado e com poucas esperanças.

Em nosso Brasil de beleza total
E de tantas maravilhas,
A política se locupleta,
Ostenta privilégios em meio à massiva pobreza.

O curso do País está enviesado,
Os dirigentes o conduzem ao abismo
Das agressões à natureza
À severa desigualdade social.

O trabalhador é o herói diário:
Muito sacrifício e poucos proventos,
Edifica a Nação lesada
Pelos ávidos tubarões do mercado.

A velha novidade é o triunfo do capital
Sobre a força de trabalho,
Na bandeja, há suor e lágrimas
E sangue de nossa gente explorada.

Na cartilha dos agentes econômicos,
A austeridade recai no seio do povo,
O obscurantismo ataca o conhecimento,
A visão opaca restringe a Educação.

Querem mão de obra barata
Sem questionar, sem reclamar,
Qual massa de manobra acéfala,
Apenas engrenagem produtiva.

Querem a cidadela silenciosa,
Mas não iremos nos calar:
Que o grito se imponha à opressão,
Façamos da rua o nosso território.

Que seja lançado o nobre manifesto,
Pacífico e bonito como tem que ser,
A voz em coro e a cor vivaz,
Não seja resignado o sofrimento.

Os articuladores imersos em corrupção
Querem rédea fácil para o País,
Mas vamos elevar o poder do povo,
Fazer dos ideais o destino da Nação.

NÃO É SÓ ISSO

*Em memória dos desaparecidos
na ditadura militar
latino-americana.*

Não, amiga, não é só isso.

A quebra dos cristais da razão
Desfaz o veludo da humanidade,
É ausência da noção sensata
Que provoca absurda incidência da dor.

Não, amiga, não é só isso.

Sufocar o pensamento diferente,
Reprimir os mais cintilantes ideais
É um propósito abjeto,
É um procedimento sem justiça.

Não, amiga, não é só isso.

Fazer sumirem ideologias,
Fazer desaparecerem jovens torturados
Para manter obscuros privilégios
De toda uma elite financeira, é o mal.

Não, amiga, não é só isso.

Os crimes de assassinato e tortura
São na história atitude sem perdão,
Matar e soterrar sonhos
Não encontra justificativa alguma.

Não, amiga, não é só isso.

Dar fim à concepção das utopias
Usando força desproporcional
Na ditadura das técnicas pungentes,
Em nome de um sistema, é o mal.

Não, amiga, não é só isso.

Aniquilar a rosa da esperança,
Agredir as quimeras do amanhã,
Desfazer famílias, separar companheiros,
Não é só pelo pensamento diferente:

É, no fundo, em última instância,
Apenas por dinheiro e poder.

O QUE PRETENDEMOS?

O que pretendemos para o amanhecer?
Estamos incomodando a natureza,
Agredindo severamente o meio ambiente,
Negligenciando a conservação do ecossistema.

O que pretendemos para o amanhecer?
Há gente demais no Planeta,
Os recursos naturais estão pressionados,
Um plano mundial de natalidade controlada
Parece ser um caminho sensato.

O que pretendemos para o amanhecer?
O Homem está acabando com o Planeta,
Prejudicando todos os demais seres,
Estamos levando muitas espécies à extinção.

O que pretendemos para o amanhecer?
Estamos devastando a textura da floresta,
Abatendo matas, flora e fauna,
Poluindo o meandro dos rios e a candura do ar,
Causando funesta alteração climática,
Turvando a imensidão dos mares.

O que pretendemos para o amanhecer?
Que possamos não dar razão ao vaticínio
De que a Humanidade se espalhou como um mal,
Ainda existe tempo ao despertar da consciência,
Ainda podemos estabelecer harmonia geral.

O que pretendemos para o amanhecer?
Nós, capazes de maravilhosas arquiteturas,
De sublimes manifestações artísticas,
Conhecedores do mais diverso raciocínio,
Conhecedores do mais diverso sentimento,
Não podemos esquecer da referência natural.

O que pretendemos para o amanhecer?
Em nome das flores e dos frutos e dos ninhos

Vamos erguer a bandeira azul e verde
E sermos, na Terra, balizamento sensível
De um cenário global e evolutivo para o bem.

O que pretendemos para o amanhecer?
Façamos um mundo sadio de paz e de beleza
Onde tudo aquilo em que estamos integrados
Possa confiar na feição do ser humano.

A FERA

A fera
Ataca como quem se defende,
Protege o seu mundo da invasão,
Faz a aparição dos dentes
Para intimidar a iminente ameaça.

Reduz-se a contagem na savana,
No berço da difícil África,
Sobreviver é condição imperativa,
A fera
Deve situar-se na cadeia alimentar.

Mas o Homem é o maior inimigo:
Diminui o selvagem território,
Constrange a espécie à subtração
Das feras que havia em profusão.

Das condições duras e adversas
A colonização humana é a pior,
Restringe o espaço natural,
O clima agredido provoca a escassez.

A fera,
Tão linda na sua imagem felina,
Transita inocente pela planície,
Tem fome e busca a subsistência
E usa seu instinto para ainda resistir.

O CUBO

Assistindo ao videoclipe de uma canção,
Vejo o homem dentro do cubo,
O homem preso no cubo.

Revolta-se no espaço limitado,
Considero o que lhe possa restringir.

Analiso a cerceada liberdade
Na sequência de seus parcos movimentos.
Nas arestas e nos lados do hexaedro,
Configura-se a imposição de tal constrangimento.

O homem no cubo alterna posições,
Mas não escapa da face continente,
Toda a força externa lhe oprime
E dá clausura ao andante coração.

POEMA AOS HERÓIS ANÔNIMOS

Aos heróis anônimos que tombaram
Nos campos de batalha do mundo
Em alguma época arduamente transcorrida
Sabe-se lá para defender que propósito...

Com certeza tinham família e um país,
Foram recrutados para as fileiras
Destinadas à glória e à morte
Principalmente para coroar seus comandantes.

Olharam o dia e a noite nos descampados
Na véspera dos ataques mortais,
No precipício sangrento das guerras
Empunharam com bravura suas armas.

Não se sabe se fazia frio ou calor
Quando se despediram da vida empenhada,
Quando lutaram acreditando no tempo de paz
E estenderam seu heroísmo a céu aberto.

AOS RENASCENTISTAS

Sim à beleza, sim à arte,
Sim à ciência,
Certo, o Homem no centro,
Mas temos que melhorar muito
Para a sintonia com a natureza
E para nos sobrepormos aos deuses
De maneira convincente.

PINTURAS

O que dizer das artes plásticas?
Quais os detalhes
Que fazem a diferença
Entre o quadro de um gênio
E de um pintor de rua?

Valorizo a técnica esmerada
De uma tela bem construída,
Acho que uma boa obra
É a que agrada ao prazer visual:
A boa combinação das cores,
Algum arranjo mágico,
O dispor expressivo das imagens,
O achado de um traço distinto.

Longe de ser um bom apreciador,
Busco entender os clássicos
E os propósitos de menor envergadura,
Interrogo a plástica linguagem.

Pouco tentei realizar pinturas,
As tintas me parecem bem
(Quietas em seus recipientes)
Junto à tela vazia.

A suprema tela se chama natureza.

MAIS UMA VARIAÇÃO DO POEMA DE SETE FACES

Ir para a promessa da noite,
Ir para a vida louca
Não seria uma rima,
Mas seria uma solução.

ARGUMENTO

Temos mais prazeres do que dores,
Por isso gostamos de viver.
Desejamos o mundo em cores,
Vida longa queremos ter.

POEMA-MENSAGEM

Às afilhadas Gaby e Naty.

Faça sempre o bem,
Busque a justiça verdadeira
E jamais se balize pelas armações ardilosas
Que visam a mascarar o que é justo.

Acredite na beleza,
Descubra a maravilha do amor e da arte
Quando chegar o tempo.

Lute pela preservação da natureza,
Cria em alguma religião, se quiser,
Mas evite falsos gurus,
As religiões são boas
Quando propagam benefícios,
Não quando se pautam pelo comércio da fé.

Seja produtiva no que tem vocação,
Dê sua contribuição social,
Mas não se curve
Diante dos adversários obscuros.

Saiba que existem guerras, poluição e fome,
Mas como diz a canção:
“Que mundo maravilhoso é o nosso”,
Em cores, sons, perfume, tato e sabor.

Aprenda com as experiências,
Defenda quem merece confiança,
Escolha o caminho da virtude,
Sonhe, tenha clareza e seja feliz!

PORTO PIZZARIA

Na pizzaria do português Magalhães,
Fizemos apresentações memoráveis,
Eu, Jandy Garcia, Carlos Silva
E também o professor Massaretti.

Os momentos de cada melodia essencial
Foram registros da Cidade Baixa;
Para sempre no repertório noturno
Ficarão as performances aladas.

Foi um tempo que se consumou
E sorte de quem pôde assistir
Às brilhantes tessituras musicais,
Às palavras e acordes com magia.

Não há definição suficiente
Para expressar tanta sensação
Vivida na história daquele espaço
Aberto da alma para o infinito.

A música era o objeto central
Cultuada em cada dita canção
Vivida na história daquele espaço
Aberto da alma para o infinito.

A GUITARRA

Foi no tempo
Do turbilhão de circunstâncias,
Um tempo posterior aos júris,
As lembranças do transe
Estavam em curso,
Abandonei um emprego seguro
E viajei a Porto Alegre
Com o pensamento em profusão.

Comprei uma guitarra preta Ibanez,
Uma caixa de som
E muitos CDs dos Rolling Stones.

Voltei a Livramento
E no quarto maior
Da casa da Rua Alcides Maya
Montei o meu espaço
De cantar, compor e tocar,
E escutar músicas
Da maior banda do Planeta.

Eu preparava o meu próximo livro,
Fazia ensaios e apresentações
Daquele espaço para o mundo,
Estabelecia diário culto sublime
À mulher amada,
E dedicava às musas
O repertório das tardes e noites.

Planejava uma viagem a Londres
Sem grande planejamento
E tentava ordenar
A torrente do pensamento.

Apesar do contexto caótico,
Naquelas jornadas musicais,
Tangendo as cordas da guitarra

E cantando para o infinito,
Eu exercia o prazer sonoro.

Naquele tempo desarrumado,
De noção flexível nas alturas,
Eu também fui feliz,
Como sou em toda a existência.

TEORIA 1

Estamos na Tabela Periódica.

Quanto mais elementos químicos
Há num planeta,
Mais complexa é a vida que abriga,
Desde que haja
Condições físicas para isso.

A complexidade da vida
Dispersa pelo Universo
Está vinculada
Ao repertório de elementos
E à física do ambiente cósmico.

TEORIA 2

O tempo não existe.
O que existe é a sequência
De movimento
Em todos os níveis,
Dos subatômicos aos astronômicos.

Envelhecemos porque as moléculas
De nosso corpo se movimentam
Cumprindo etapas da vida.

Os eventos no Universo
São simultâneos,
A percepção deles
É que muitas vezes está defasada.

Somos a composição física que temos.

TEORIA 3

Os seres são produto do meio,
Dizemos isso nos aproximando
Dos estudos de Charles Darwin
A respeito do Planeta.

Amplio Darwin para o Universo:
Os seres dispersos pelo Cosmo
São produto do meio universal.

FILOSOPOESIA

O papel em branco,
O campo em branco,
O mar em branco,
A cidade em branco.

Tudo se oferece à escrita,
Tudo possibilita inspirar,
Tudo se converte em palavra,
Tudo quer ser poesia.

Abre um vinho e celebra
As ofertas várias do mundo,
A pele também é papel
À tinta do discurso poético.

O íntimo busca o externo
E compõe o tecido da arte,
A paisagem se apresenta
Matéria do sentimento.

O pensamento traduz o contexto,
A experiência produz a noção,
O que sabemos foi vivido
Através dos cinco sentidos.

Sou de certeza empirista,
Mas a mente se faz predisposta,
Algo inerente e algo percebido,
Exterior e interior se combinam.

NOSSO CÃOZINHO

Nosso cãozinho york se enrodilha
Para deitar-se junto a mim.
Por quanto tempo ainda poderei protegê-lo?
Por quanto tempo ainda terei força
E leucócitos para derrotar a morte?

Eu cuido de seu sustento:
Água, comida e muita interação.
Temos uma amizade leal
Num tempo de tantas decepções humanas.

Às vezes, deitado, ele sonha.
Que mundo diferente o alimenta?
Meu companheiro! Um dia estaremos separados,
Mas valeu nosso tempo compartilhado,
A falta irá nos velar algures.

O SABIÁ NÃO SE ENGANA

O sabiá já começa o assovio,
Embora ainda esteja frio.
É setembro na terra meridional,
Mas ainda com feição invernal.

A primavera vai se atrasar,
Os dias estão a esfriar,
As flores pouco a pouco têm noção
Da chegada de uma nova estação.

O clima ameno está distante,
Ainda dura o tempo cortante,
Contudo o sabiá adivinha
O tempo túbio que avizinha.

O sabiá já começa o assovio
Prenunciando a terra no cio,
Abre a cortina primaveril,
Sem engano prediz cores mil.

NA LEMBRANÇA

Foi no apartamento da Rua Liberdade,
Nossa insubstituível irmã Reni,
Alegre, amiga, carismática,
Amargava a má sorte da doença
E sofria a injustiça do destino,
Pois merecia os frutos do bem que semeava
Aproveitados por muito mais tempo
Sem reveses.

Da janela, a Reni olhava demoradamente
As árvores balançarem ao vento
Numa visão de silêncio:
O que pensar quando o futuro está comprometido?
Passaria o filme de sua vida?
Uma seleção de momentos aleatórios?
O que fazer com a possibilidade exígua?

Partiu numa noite fria de julho,
Fui o último na despedida
Tocando sua mão até vê-la desaparecer
No corredor que a levava a um procedimento.

Mas ela ficou forte e consistente
Na vida de todos os seus queridos
Que a levam na lembrança dos instantes
De existência clara e superior,
Memórias da preciosa convivência.

DEDICATÓRIA

Sei que quando vivias
Sabias que eu faria a coisa certa,
Confiavas na minha decisão.

Hoje estás ausente,
Não podes ver mais os meus acertos,
Mas os anteviste no tempo da presença.

Estarias jubilosa
Ao ver o reconhecimento prosperar,
Ao ver a fraternidade relembrada.

Sei que foste em paz, minha irmã,
Continuo por aqui
Honrando o que nos ensinamos.

Navegam no calendário da saudade
Teu carisma, amizade e alegria,
Foste nossa incansável protetora.

Falaste em descanso no mar.
Sempre que eu mirar as vagas
Estarás na textura material dos oceanos.

O CALENDÁRIO

O calendário marca o nome dos dias,
Transita no passado, presente e futuro,
Instaura o divisor do tempo,
Numera datas em fluxo.

O calendário baliza em nossa lembrança
As quadrículas mais relevantes
Que correspondem a cruciais acontecimentos
Nas folhas principais de nossa história.

Ajuda a não esquecer o que passou,
A não esquecer o compromisso futuro,
O calendário nos dá referências
Na pesquisa temporal dos momentos.

Quando será de segunda a domingo?
Qual o mês e qual o ano?
Em alguma data o calendário marcará
O dia inapelável de nosso passamento.

BRINDE

Vamos fazer um brinde à vida,
Um brinde a cada pétala sentida,
A vida é uma experiência maravilhosa,
Aproveitemos a dádiva formosa.

Universo e Terra compuseram...
Matéria e energia nos deram,
Somos a física constituição,
Somos o sentimento e a razão.

Nos sessenta anos completados,
Quero celebrar caminhos extasiados,
Viemos ao mundo para a felicidade,
Para o prazer, sonho e realidade.

Tenho vivido a flor da delícia,
O amor e a arte propícia
São geradores da existência feliz,
Deixarei o legado que condiz.

Aroma, cor, textura, sabor
E visão da natureza a expor...
Meus sentidos têm sido carnaval
Do momento de beleza total.

Sessenta anos de um tempo luzente,
Da vida artística vertente,
São motivos para agradecer
Tudo o que já pude no mundo conhecer.

VIDA

Amo-te, minha querida,
Minha adorável vida!
É um privilégio caminhar-te,
Reitero a emoção de amar-te.

Tenho felicidade essencial
Em todo tempo e local,
Feliz carrego na bagagem
A beleza de tanta paisagem.

Vasta tem sido a experiência,
Bela tem sido a vivência,
Pleno de arte e amor,
Em cada momento um sabor.

Entre mulheres e lugares
Viajo a sentimentais patamares,
Quero celebrar o prazer
Deste maravilhoso viver.

AS FASES DO DIA

A luz da aurora é tua infância,
Tens toda a carga da vida pela frente,
És criança e quase tudo é novidade.

A luz da manhã é tua adolescência:
Uma fase de muitas descobertas,
Começas a ter repertório de emoções
E junção de conhecimento.

O meio-dia é tua meia-idade,
Tens um bom caminho percorrido,
Tens um bom caminho a percorrer,
É tempo de produção e compromisso,
Tempo de razão consolidada.

A tarde é tua maturidade,
Tens farta bagagem de experiências,
Chegas à faculdade ideal,
Elaboras a plena construção,
Focas no que realmente importa,
Pensas no legado a ser deixado.

No poente a vida é prêmio,
A sabedoria supera a atitude,
Utilizas o silêncio muitas vezes
E a palavra necessária.

Quando vem, finalmente, a noite,
Se tiveres mérito e sorte,
Serás memória e referência
Durante algum tempo.

Na madrugada,
Só os grandes serão lembrados,
Pela obra superior e benfazeja,
Durante a travessia de milênios.

ESPERANÇA

Todos temos algo em comum:
Um dia a morte inexorável
Trará repouso e desfecho
E iremos da existência ao nada.

Vamos fazer, desligados,
A viagem no infinito.

Talvez em algum espaço
Imensamente distante,
Talvez em algum tempo
Imensamente distante
Nosso código genético se repita.

Poderíamos viver novamente:
Tudo o que viaja no infinito
Tende às chances infinitas
De acontecer e repetir.

O infinito é a grande esperança.

VIM AO MUNDO

Vim ao mundo pra vencer
E venci com letras e músicas,
E acima de tudo o AMORTOTAL
Tornou-se o sublime do Universo.

As transas no transe infinitas
Na combustão das noites em fogo
Merecem capítulo ou estrofe
No resumo da vida prazerosa.

No caminho sempre cultuei
A beleza das mulheres que admiro,
A arte e as musas combinadas
Casei nas páginas e acordes.

No dia em que me for desta vida,
Que é superlativa experiência,
Vou seguir para o nada com saudade
E terei do nada um mistério.

CETICISMO FLEXÍVEL

Tenho oscilado
Entre ser ateu
E ser agnóstico.

Sou bastante cético,
Mas entendo
Que não temos
Envergadura
De conhecimento
Suficiente
Para decidir
Se Deus existe ou não.

Fazer o bem
E agir corretamente
Estão acima
Das doutrinas religiosas.

Não determino
O fim das ilusões:
Tenho duas esperanças
Para oferecer,
Que são o infinito
E os mistérios.

EXISTÊNCIA

Nossa passagem única pelo mundo
É uma experiência maravilhosa.

As alegrias suplantam as dores,
Celebremos a delícia de viver.

Tudo o que aprendemos na trajetória
Vai construindo nossa ampla noção de ser.

O que fizemos de prazeroso,
Benfazejo ou importante hoje?

Temos que otimizar o momento,
Trazê-lo ao gosto do essencial.

Façamos luzente a existência
Elevando com entusiasmo vida e obra.

O melhor que poderia ter-nos acontecido
É o ensejo da vivência.

O amor, a arte, o prazer, a felicidade
São triunfo e glória existencial.

Estejamos em harmonia com a natureza,
Com todas as formas de beleza.

Gratidão ao Planeta pela vida,
Gratidão ao Universo pelo meio físico.

E para concluir este encanto,
Nosso louvor à poesia e à música.

MAR

O mar que separa continentes
Também dá acesso a eles,
As praias litorâneas
Admitem partidas e chegadas.

O mar dos naufragos,
Dos passageiros de turismo,
Dos comerciantes e dos navegadores
Encrespa ondas de água e sal.

Se eu partir da rampa de areia,
Cruzando o mar à minha frente,
Poderei chegar ao desenho costeiro
De incontáveis países.

Fico mirando o mar vultoso
De maneira demorada,
Ele dá conexão a tantos lugares,
Cada trilha marítima é possibilidade,
Imagino o quanto há por descobrir.

Por ora deixo a água salgada
Molhar-me pela metade o corpo,
Desfruto deste banho atlântico,
Tudo em torno é natureza.

Talvez eu tenha velas no desejo
De singrar a espuma aleatória
Com expectativa de muita terra à vista
E farto conhecimento do distante.

LITORAL

Quando a noite chega nas praias litorâneas,
De Sul a Norte do Brasil há festa,
Acende-se o cordão de luzes da orla,
Os bares ocupados abrigam a intenção
De cada um excursionar para fora de si
E conhecer o mundo de outra pessoa.

Os frequentadores da promessa hedonista
Já desfrutaram do sol e do mar hoje
E do que seja dádiva natural,
Tomaram com guarda-sóis a faixa de areia,
Comeram e beberam produtos vendidos na praia.

A pele dourada e a veste sensual
Das meninas praianas em profusão
São coletânea de beleza no espaço costeiro,
Por todo o lado que se veja
Há o desejo pulsante do encontro.

Enquanto a noite avança,
Os casais que configuram os amores de verão
Passeiam iluminados pela bomba da Lua,
Sensíveis ao numeral das ondas que se cumprem.

Na geografia litorânea, os casais se amam
E exalam promessas de fidelidade na maresia,
Escrevem na areia: “Até o próximo verão!”,
Quando aqui talvez estejam
Na viagem amorosa com pessoas diferentes.

PEREQUÊ

Perto da curva da faixa
Onde Meia-Praia se encaixa
Nos traços de Perequê,
Paramos num verão a valer.

No murinho dos fundos da casa,
Começava a casimira rasa
Da praia onde conheci Clarita,
Degustamos a cachaça bendita.

Depois no colo da madrugada
Bebemos e deitamos na esplanada
Do lençol de areia costeira,
Amamos na rua da beira.

Em idas e vindas ao mar,
Cruzou com estilo ao mirar
Toda a graça de Selene,
Existe atração que condene?

Na praia sem movimento,
No quiosque vazio e no vento,
Fizemos breve história,
De sal e açúcar a trajetória.

Lembranças de um certo verão
Perdido nos confins da sensação,
Mas com o timbre perene
Dos lábios de Clarita e Selene.

A UMA DEUSA DE VERÃO

Passei algumas temporadas de verão
No camping de Morro dos Conventos:
Esportes, piscina, flertes,
E o grupo que se fazia no acaso.

Caldo de cana, samba nas noites cruas,
Eu adolescente estudava a existência
E testava a forma das possibilidades.

Descendo a longa ladeira havia o mar
E as festas no Iate Clube junto à barra.

O que me ficou com mais intensidade
Daqueles dias de verde hedonismo
Foram as linhas exatas de Raquel,
A carta de seu baralho com meu nome,
A viagem à praia vizinha,
O abraço quando a balsa cruzava o rio,
O êxtase da surpresa rumo ao motel.

Eu com 17 anos, Raquel com 23,
E o fazer amor a durar para sempre.
Neste momento ainda fazemos amor
Com o reticente pensamento.

Ó Raquel, deusa protagonista de um verão,
Até hoje habitas o meu devaneio.

Quero o tempo conjugado de volta
Para trazer ao gosto inefável
A fruta dos teus lábios,
A fruta do teu sexo,
Seria uma dádiva riscar o nosso adeus
E passarmos a vida fazendo amor sem pausa.

ARRAIAL D'AJUDA

Belíssima praia de Arraial d'Ajuda
Onde o proveito é permanente e muda
Com os dizeres da maré que oscila,
Faz do oceano a visão que fascina.

O cordão de recifes alinhados
Segura o mar por instantes ritmados,
Compõe as piscinas de água natural
Num retrato marinho sem igual.

Os diversos tons de verde do mar,
Estratos do Atlântico a se configurar,
O muro da igreja se faz mirante
Com fitas do Senhor do Bonfim ao visitante.

Aproveitamos cada segundo deste paraíso
Na areia a delícia feita de improviso,
O belo jardim interno da pousada,
A companheira de toda forma sendo amada.

No pagode do bar praiano à meia-tarde,
Onde o pulso do desejo coletivo arde,
A garota parafinada com singelas tranças
A me olhar com ou sem esperanças...

Agora se faz noite a toda prova,
A curva da rede e da Lua nova,
Tudo aqui é detentor de ampla magia,
A praia de Arraial faz valer cada dia.

LUA COSTEIRA

Faz-se noite em Capão Novo,
As nuvens estão claras,
É que sobre elas resplende
A magnética Lua cheia.

A brisa do mar embala
A palma dos coqueiros.
A maresia persistente
Tem muita história pra dizer,
Fixando este lugar
E variando o leque dos tempos.

Passaram-se algumas horas,
A Lua agora está nua,
Derrama aos olhares o feitiço,
Toda a cercania tem a cor de prata.

Algun cachorro solitário
Cruza a rua vazia.
A paisagem se faz imóvel
Para o império lunar.

A certa distância daqui,
As ondas na praia nunca desistem,
Embora ninguém as veja
No andamento da madrugada.

Embalando-me na rede,
Teço conjecturas poéticas.
A natureza da noite está revelada
Pelo alumínio da Lua.

Há muita poesia no litoral.

ESTÂNCIAS

Há muita poesia no Pampa.

As estâncias que guardam história e tradição
Da lida do campo no mapa sulino
São emblema gaúcho.

Os antigos casarões com seus anexos,
As coxilhas e a várzea,
Os açudes e os arroios,
As mangueiras e invernadas,
Tudo isso compõe o mosaico rural
Em tempos de guerra ou de paz.

Os cavalos de crinas ao vento,
O gado indiferente, a melena da plantação,
A lealdade dos cães, a pastagem macia
Compreendem o trabalho
Em cada estância da plaga rio-grandense.

A poesia e a música regionalistas
Primam pela qualidade,
Merecem profunda tese acadêmica.
Ao fogo de chão dos galpões,
Toca-se o violão com alma campeira.

O arvoredo em volta da casa principal
Oferece sombras, e aromas, e cantos,
É sentinela à parede matizada de cal.

Na lida das estâncias do Sul,
Cruzando o tempo passam gerações,
Assim transita um fio de memória
Bordando nomes na toalha do campo.

UM DIA NA CAMPANHA

Cruza por mim o vento sibilante
Impregnado pela substância do pasto.
É inverno e esta manhã tem sol,
Eu miro a imensidão verde
Enquanto o sopro corta sonoro.

Os animais silvestres do Pampa
Deixam-se observar à distância,
Alguns se posicionam camuflados
No arranjo do sulino ecossistema.

O ensejo pede um vinho regional
Das videiras da querida Livramento.
A tontura a céu aberto
À espera da carne na brasa
Adiciona sensação à imagem pastoril.

A tarde cairá prenunciando o sereno.
A noite trará a sua tintura gelada.
Rente à lareira vacilante,
Será hora de aconchegar histórias
Para depois dormir
Sob o pala rutilante das estrelas.

CÉU NOTURNO

Quero ainda contemplar
O céu noturno de algum lugar
Situado no campo sulino,
As estrelas no tom campesino.

Lá no deserto campestre,
A Via Láctea como mestre,
Quero a infinidade estelar
Com largo espanto mirar.

É lá que ganham mais nitidez
As estrelas em sua nudez,
Galáxias na tal profusão
Pontilham a cósmica amplidão.

Quero ainda contemplar
Também o formato lunar
Numa noite completamente nua,
Desejo a luminescência crua.

INVERNO

O inverno é a mais sulina das estações.
No advento brumário da manhã,
O tapete da geada branqueia a campina,
A névoa embaça os elementos da paisagem.

O inverno é a mais sulina das estações.
Nas encostas e pradarias do interior,
A fumaça esparge da chaminé
Da casa singela aquecida pelo fogão a lenha.

O inverno é a mais sulina das estações.
A friagem é característica do Sul,
Identifica bastante o território gaúcho,
O mais gelado dos estados brasileiros.

O inverno é a mais sulina das estações.
É a estação da alma e do mistério
Que se diluem na neblina cheia de símbolos,
Tudo se confunde ao frio e tem a cor da cerração.

Poemas fronteiriços

SANT'ANA – 199 ANOS

Livramento: estás de aniversário,
Sant'Ana do afeto diário,
Cumpres quase duzentos anos
De tanta história e ciclos humanos.

Tudo o que já se viveu
Nas coxilhas do relevo teu
É mais do que se conhece,
Contudo a coletânea acontece.

Minha nova Terra Santa,
Ana que este filho canta,
Se mil terras me dessem pra nascer,
Eu iria sempre te escolher.

Terra das gurias e lugares
Que adoro em altos patamares,
Teus símbolos em meu coração
São infinitos na tez da paixão.

A FORTALEZA

A bela casa da Rua Alcides Maya
E seus espaços tão queridos por mim
Consistiram num tempo jubiloso,
Período de uma vivência proveitosa.

O terraço, a lareira, a sala de churrasco,
Todas as dependências estimadas
Às quais ocupei com total integração
Estão hoje mantidas na lembrança.

A bela casa com seus ângulos e pavimentos
Foi para mim fortaleza existencial
Onde o sentir-me bem prosperava,
Eu tinha entusiasmo em residi-la.

As espessas paredes do perímetro
Abrigavam a minha carga emocional.
A saudade repercute a fortaleza,
Reflui o tempo de guarida inesquecível.

Que seja transformada em memorial
Onde se disponha a minha sepultura,
Tenho andado algo distante desse ícone,
Mas voltarei pra casa um dia.

CONFIGURAÇÃO DA TARDE

Apresenta-se estranha a configuração da tarde:

Há um calor úmido

Principiando setembro

Na tessitura ambiental de Porto Alegre.

O pensamento estende-se

Por quinhentos quilômetros,

Retrocede um quarto de século,

Chega na Fronteira do passado.

Na casa da Rua Alcides Maya,

Numa certa tarde perdida no tempo,

Ao calor úmido semelhante,

Vejo a tela do entorno e sua claridade opaca.

Debruçado no guarda-corpo do terraço,

A taça de vinho inebriando a reflexão,

Miro a seiva da campina frontal

Enquanto pesa o vento estagnado.

Qualquer tempo tem a sua qualidade,

Qualquer instante é oportunidade.

Hoje lembro esse mosaico do pretérito,

Lembrar é vivência sobreposta.

PARA AS DIGITAIS DO POENTE

O entardecer que vejo platinado
Cujos sangue do poente
Está pelas nuvens encoberto
É digital da cena nunca igual.

Cada entardecer tem um formato,
Jamais veremos o mesmo desenho,
Assim como cada dia cai
Em sua própria singularidade.

É impossível falar em poente
Sem lembrar da casa requintada
Que tínhamos na Rua Alcides Maya,
A visão da janela do Carlitos.

Lá, frente ao horizonte ensanguentado,
Em reiteradas ocasiões
Eu cantava e tocava para o fogo
Na sacada próxima do outono.

Hoje vejo aqueles mosaicos
Em cada despedida do Sol posto,
E a despedida se torna saudade
Na lembrança detentora de matizes.

LEMBRANÇA

Na Sexta-Feira Santa em Livramento,
Eu colocava o cálice de vinho
Sobre o guarda-corpo do terraço
E soltava no ar o pensamento.

No cardápio da ceia familiar:
O peixe, o pão e o vinho.
Sempre seguimos o rito da tradição
No culto ao corpo e ao sangue de Cristo.

Hoje está desfeita aquela estrutura
Que demarcava uma época,
Só a lembrança vagante a retrata,
E havia o colorido das pandorgas.

A vida viaja no compasso do presente,
A memória viaja no resgate do passado,
Tudo se reúne perfazendo existência,
A saudade também faz amanhã.

AS ANDORINHAS

As andorinhas em profusão
Anunciam a chegada do verão.

Na casa antiga e abrangente
Da Rua Vasco Alves,
Elas pousavam na antena da televisão,
Nos fios de alta voltagem da rua.

Em sua maioria
Cortavam o ar em voos acrobáticos.

Eu era criança,
Acompanhava a abertura da estação
Em face do calor recém-chegado,
Tudo era idílico e suave,
O mundo parecia requintar-se
No improvisado da composição alada.

Em outro lugar do mapa,
Hoje vejo as andorinhas revoarem.

Alguma sucessora, quem sabe,
Daquela coleção pretérita
Traz um pouco daquele tempo,
Relembra histórias no vento.

O LADRILHO

Percorro a velha Rua Vasco Alves
Onde existia o velho casarão,
As maciças paredes derrubadas
Hoje dão lugar a um edifício.

Vejo atento um ladrilho da calçada,
Ele existe desde aquele período,
Tapetou os meus passos de criança,
Foi pisado por tanta vida humana
E hoje continua ali, empedernido,
A relatar o câmbio das épocas.

Da janela do casarão eu via
Os plátanos a sustentarem pássaros
Que cantavam nos entardeceres,
Também ocupavam a linha dos fios.

Reverencio o ladrilho que perdura
E consegue atualidade tendo história,
Não existem mais os plátanos,
Tantas pessoas formadoras do cenário
Também se foram extintas no tempo.

ARROIOS DE SANT'ANA

Nossa querida Livramento
Não tem rios na superfície urbana.
Apenas alguns arroios
Traçam o singelo curso d'água
Em reduzidas bacias de contribuição.

O arroio Carolina e os arroios afluentes
Formatam as artérias citadinas
Que correm em vazão pequena.
A linha d'água que foi pura
Hoje está afetada por alguma poluição.

Arroio Carolina, arroio Maragato
E outros constantes no mapa:
O que lhes falta em volume
Sobra em estima e carinho
No convívio familiar que temos.

Os santanenses estão afeitos
A considerá-los integrantes
Da paisagem naturalmente percebida.
Na veia dos arroios que tecem o meandro,
Também corre a história liquefeita.

A noite está silente agora,
Eu estou em Porto Alegre,
Mas os arroios de Sant'Ana
Continuam correndo
Até o infinito do tempo consentido.

ÁGUA SUBTERRÂNEA

Em Sant'Ana do Livramento,
Todos conhecem o ditado:
"Quem bebe desta bica, fica!"

Nossa água subterrânea
Tem preciosa pureza
Captada por poços artesianos
Que abastecem a Cidade.

Corre limpa e cristalina
Nos pontos de consumo,
É uma bênção de líquido formato.

Dorme no subsolo
Todo esse rio interior,
Decanta-se fresco e genuíno
Na Cidade das águas ocultas.

A água de vazão implícita
O instinto sedento deseja,
Joia entre os lábios da gente,
Seda entre as mãos em geral.

Cidade da água encoberta
Que aflora do subterrâneo
Qual doce alma vertente
Que toca o azul com as mãos.

LAGO BATUVA

Antes da superfície alagada,
Existia na forma desejada
Uma ideia de lago santanense
A cumprir-se o quanto se pense.

A água pública aconteceu,
À vontade popular atendeu,
O barramento no arroio singelo
Reteve o formato belo.

Ícone da querida Sant'Ana
O Lago Batuva se explana,
Disposto ao vários lazer
De quem lhe estende o querer.

Espaço da reunião geral,
Em meio à plástica natural,
Tem morros a lhe guarnecer
Uma breve floresta a se ver.

O lago margeado por campinas
Reúne a profusão de sinas,
Conversas à vista contemplada,
Sensações à beira debruçada.

O lago de molhada estética
Faz mais feliz e poética
A Cidade com sua gente,
Traz fruição incidente.

PARQUE GRÃ-BRETANHA

O parque e sua mata nativa
Dá-se à fruição coletiva,
As linhas de ramos e folhas
Abrigam a diversão que colhas.

O riacho no parque passeia,
Canta sua tímida veia,
Há caminhos e trilhas variantes,
Natureza dada aos passantes.

O fogo e a culinária regional,
A viagem da cerveja ideal,
Integram o verde do ambiente,
A turba acampada incidente.

Na última vez que fui lá,
Constatee a barragem que há,
O lago surgiu de surpresa,
A água disposta à represa.

Espaço rural de Rivera,
O lazer no parque tempera,
Lugar de atração fronteira
O sabor campesino enfeitiça.

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

Velha estação ferroviária
De Sant'Ana do Livramento:
Tem as portas e janelas
Coroadas por semicírculos
De vidro e madeira,
Tem a gare com seus pilares delgados,
Tem o relógio cansado
De marcar épocas diversas!

Hoje está tão vazia e silenciosa!
Já teve seu tempo de grande coletividade
No embarque e desembarque
Em sua plataforma.

Quantas trajetórias humanas
Chegaram e partiram na gare ocupada?
Quantos encontros e despedidas
Atenderam ao costume
Das viagens pela linha férrea?

O trem apita na proximidade,
A locomotiva oscila
Lembrança e realidade,
Confunde-se tanto tempo embaralhado.

Vamos pegar o trilho fantástico,
Cruzar circunstâncias,
Fazer escolhas nas longarinas divergentes,
Esteja perto ou longe
O destino casual ou desejado.

FERRADURA DOS VINHEDOS

Sant'Ana do Livramento
É terra de selecionadas vinhas,
As videiras ganharam campo
No paralelo trinta e um,
De clima oscilante e temperado.

O sabor da uva e do álcool
Combinados com perícia e requinte
Atendem ao prazer do paladar.

O vinho constante
Inebria povos há milênios,
Acompanha banquetes e manjares,
Entorpece os sedentos
Na busca de transcender a realidade,
É uma bebida clássica na história.

A Ferradura dos Vinhedos
Que perfaz as vinícolas de Livramento
É frugal e etílica experiência.

Saudemos o cálice repleto,
A celebração da viagem do vinho
Que devaneia o pensamento
E permite a fluência dos sentidos.

CERRO DO REGISTRO

Uma vez fomos ao cume
Do Cerro do Registro.
O acesso era uma subida
Pedregosa e difícil,
Mas a vista lá de cima compensava.

Celina e eu
Fizemos algumas fotos,
Trançamos as mãos enamorados,
O cerro dava segurança no platô,
Cercado de abismo por todos os lados.

Penso em tudo aquilo
Que na vida é ascensão complicada,
Risco e sacrifício,
Para a conquista de um objetivo maior.

Só do alto a vista é mais completa,
Do topo conhecemos melhor o mundo,
A felicidade qualificada
É relativa à amplidão dos horizontes.

CERRO DE PALOMAS

É um elevado portal
De feitio, assim, natural,
Prelúdio de acesso à Cidade,
Demarca santanense identidade.

Símbolo a saudar quem vem,
A quem parte saúda também,
Verdura e coroa de pedra,
O encanto sulino medra.

Cerro que é cartão-postal
Rente à estrada principal,
Avista-se de longe o formato
Qual um mágico retrato.

As urbes têm seus portais,
Maioria são artificiais,
O nosso é qual natureza,
Palomas em nativa beleza.

Cerro do nosso sentimento,
Ícone da querida Livramento,
Faz vigília constante
Ao curso de todo viajante.

NOSSA SENHORA

O mirante local da Santinha,
O triângulo que é capelinha
Guardam estátua em sacramento:
Nossa Senhora do Livramento.

Do alto da pequena colina,
Contempla-se a forma cidadina,
A urbe, o lago, a vila
São vistos ao vento que oscila.

Automóveis contendo namorados,
Olhares na distância projetados,
Amigos e o mate habitual,
O mirante é território social.

A Santinha tem bela expressão,
O gesto invoca proteção,
O manto sagrado explana
A soma de Livramento e Sant'Ana.

UMA FLORESTA

As árvores longilíneas da floresta
São silêncio que apenas contesta
O rumor do vento na folhagem,
Na deserta e misteriosa paisagem.

É um fragmento de bosque a verdura,
Em meio à Cidade se afigura,
Ao Departamento de Águas pertence,
Percorrê-la favorece o quanto se pense.

Uma fada reside em seu domínio,
Instaura misterioso fascínio,
Na floresta guarda o código encantado
Que se presente no caminho pisado.

Quem busca o extrato da paz silente
E deseja uma reflexão consistente
Peça a chave do significado à fada
E entenderá a direção revelada.

VELHA CHÁCARA

Velha chácara de nossa idade adolescente!
O açude onde pescávamos, a sanga,
O arvoredado, a trilha de acesso,
Enfim toda a geografia que te compunha...

Nossa turma experimentando companhia,
O passo incipiente dos namoros,
O carreteiro ao som dos instrumentos,
O vinho e a Lua nas noites de estação...

Sentados em roda na grama suave,
A música viajante no som dos automóveis,
O quanto vivemos o sentido bucólico!
O quanto nos integramos à paisagem!

Agora longe de teus caracteres
Penso: como estarão teus íntimos recantos?
Como luz e sombra te definirão hoje?
E a saudade percorre o tecido campestre.

ESTÁDIO ATÍLIO PAIVA

O *choripán* degustado
Na boca do estádio Atílio Paiva
Era uma tradição.

Carlos Danilo e eu
Íamos torcer pelo time de Rivera
No campeonato do interior
Da República Oriental do Uruguai.

Na arquibancada, eram oferecidos
Os populares *refuerzos*,
Pão com mortadela e alface.

Ao fim de cada partida,
Carlos Danilo e eu
Íamos à *parrilla* comer e beber
E conversar sobre os assuntos da Fronteira.

Na década de noventa,
O estádio foi reconstruído,
Ganhou imponência para a região,
Abrigou jogos importantes,
Presenciou o coro das torcidas,
A arte futebolística dos atletas.

Tanta coisa existia que não existe mais.

Tanta vida humana passará,
Mas o estádio riverense
Por longo tempo existirá.
O concreto dura mais do que a carne.

RESTAURANTE URUGUAY-BRASIL

Um dos meus lugares prediletos
Era o Restaurante Uruguay-Brasil.
Nas noites de verão,
Sentávamos ao léu,
Na mesa da calçada,
Observando o movimento da Av. Sarandi.

Nas noites geladas da Fronteira,
Degustávamos a *parrilla*
No calor da parte interna do restaurante
Onde eu tinha a mesa um
Reservada para mim.

Restaurante clássico e tradicional,
Indago: quem ocupa seu espaço agora?
O quanto é vasto
O seu carrossel de frequentadores!
Quanta dialética profusa
É liberada em meio ao bom vinho!
Quantos sorrisos em meio à Pilsen gelada
São abertos na noitada!

Habito hoje o cenário da Capital,
A mesa um tem estado vazia,
Mas continua plena
De minha carga emocional.

Estou longe daquele espaço reservado.
Peço com o teor da nostalgia
A quem fitar a cadeira da mesa um
Que me veja por ali
Na forma de um eco das imagens
Estendendo a presença no tempo.

CASSINO DE RIVERA

Quantas vidas foram jogadas
No Cassino de Rivera?
A aposta tensa e esperançosa
É vício, diversão ou desespero.

Patrimônios assentados na roleta
Que gira e gira enigmática
Estão no pano da sorte ou da ruína,
A bola cai na casa caprichosa.

Nem lembram os impulsivos jogadores
Que o jogo é calculado para a perda,
Declinam fichas ambiciosas,
Experimentam o frenesi aleatório.

Hoje o Cassino tem um hotel moderno
Com uma passarela ao antigo.
Atraídos por luzes e incertezas,
Visitantes têm classe na vertigem.

AVENIDA JOÃO GOULART

Avenida João Goulart,
Acesso e saída de Sant'Ana,
Havia o trecho costumeiro
Que eu fazia de carro
De casa para o centro da Cidade
E vice-versa.

Artéria consistente de Livramento
Onde a juventude se reúne
Com força, e brilho, e emblemas
Em cada noite incandescente
Para a incursão prazerosa e etílica.

És cordial e receptiva na chegada,
Cordial e saudosa na partida,
Quantas vezes te percorri
Em subidas e descidas feéricas!

Lembro de tua longa anatomia.
A quem na atualidade te anda
Peço alma e coração
Qual se toda a trajetória realizada
Ficasse acumulada
Em um memorial afetivo do tempo.

RUTA 5

Ruta 5,
Acesso e saída de Rivera,
Guarnecida pela *Virgencita*
E por um renque de árvores
Que dão sombra a quem procura.

És a natureza e o lazer
Em cadeiras de descanso
Entre chimarrão e iguarias.

Penso em quantas vezes
A Paola, em sua forma de anjo,
Passou pela faixa da Ruta 5
Buscando sabe-se lá que propósito
Nos ambientes de Montevideú.

Eu aconteço e a Ruta 5 acontece
Separados agora,
Mas quiçá a sorte me faça
Outra vez viajante,
Outra vez observador à margem
Da estrada cuja foz é Rivera.

No mundo,
Todos os caminhos levam,
Todos os caminhos trazem.

VIAGEM

*“(...) a Cidade sou eu,
Sou eu a cidade,
Meu amor”*

Carlos Drummond de Andrade

Pego o ônibus às vinte e três
E trinta,
Percurso Porto Alegre
A Livramento,
Destino à nova Terra Santa.

Todas as promessas lá me aguardam:
As ruas conhecidas,
Emoções no trajeto,
O mapa singular,
Experiências vividas
No tempo santanense.

Em síntese, mulheres e lugares
Que me foram e ficaram,
E cresço à proximidade
Da Avenida João Goulart.

A memória da noite fronteira
Sou eu,
Sou eu
A memória da noite fronteira.

Estufa-se o ânimo na chegada,
Este é meu território natural,
Estou no cenário da Cidade,
A Cidade está na minha anatomia,
O ônibus chega e a Cidade me chega.

Poemas para as musas

PRIMAZIA

Tens o mais importante significado
Que existe no brilho do Universo
E dos múltiplos universos,
Estás consagrada e acima de tudo.

Sei que desejas o bem para mim,
Algo escasso nos tempos de hoje.
Que vida de luz compartilhada
Teríamos nos lençóis da beleza!

Temos o bem-querer rimado
Para a vivência do nosso AMORTOTAL
Que ultrapassa o infinito
E dá primazia sublime ao coração.

O nosso amor é um amor eterno,
É um amor infinito, é um amor pra sempre,
É um amor além do tempo e do espaço.
Como é luzente poder dizer eu te amo!

A distância corporal vigente
Jamais haverá de nos separar
Em alma, coração e pensamento,
E tenho na pele teu nome tatuado.

ÁGUA

Chorei toda a água do meu corpo
Num lamento pleno e absorto,
Pensando minha amada ter partido
Da existência perdi o sentido.

Mas era apenas ficção
Da realidade era distorção,
A musa primeira continuava...
Na beleza da vida bem estava.

Prossigo no ato de louvá-la
Com a força infinita de amá-la,
O AMORTOTAL é sublime,
Acima de tudo se define.

Com a arte pura prossigo
No sabor daquilo que eu digo,
Poesia e música na vivência
Geram felicidade na essência.

MAGNETISMO

Vejo tua foto à beira do Guaíba.
Tua imagem de tanta ausência
Ainda é tão minha e tão recente,
Estamos aprisionados na distância.

Todas as noites sem comunhão
Sinto o quanto foram desperdiçadas.
No começo do destino era assim:
Parecíamos eternos na trajetória permanente.

Percorri vários oceanos da experiência
Nesse tempo todo em que pouco sei
Dos teus passos bailarinos.
Estamos aprisionados na distância.

Hoje sei muito das nuances do amor
Que o corpo diz em tanta madrugada,
Seria mágico te dar com o sentimento
O que a pele aprendeu com o êxtase.

Agora próximos do destino caminhado
Vejo resistir a forma enamorada,
Haverá sempre o magnetismo da saudade,
Estamos aprisionados na distância.

VERSOS DA INSÔNIA ETÍLICA

A esta hora estás naquelas luzes,
Destinatária do sentimento que produzes,
Ao ver-te tão longe na física distância
Ao destino não faço concordância.

As luzes tremem e pulsam no espaço
Avançando no Guaíba o seu braço
É o luzente pontal da Vila Assunção
Que te guarda nesta noite de emoção.

Fico com o olhar vagante em tua direção
Lembrando o tempo de nossa comunhão.
Por qual providência o afeto se mantém
E se reflete na falta que advém?

Faço a toda substância um nobre apelo
Para que prospere sempre o nosso elo.
Qual a medida da proximidade e da distância?
Sabe o coração que é saudade e ânsia.

PROMESSAS

Impressiona como persiste o sentimento,
Atravessando as décadas e a distância,
Sempre pronto a aflorar
Ao menor sinal da tua presença.

Diriam que é algo sem explicação,
Mas existe o argumento
Da mútua nobreza,
Duas almas do bem que se admiram
E uma cândida história
Como fundamento.

Faço a prospecção dos horizontes.

A improvável convergência dos caminhos
Que nos levariam para o encontro
Parece oscilar às vezes,
Dando um timbre de esperança,
Ainda que o fluxo do tempo
Não elabore promessas ao destino.

RARIDADE

No vergel da adolescência encontrei
Uma flor rara no Campestre,
Tão peculiar por sua qualidade,
No tempo em que fomos aprendizes.

Flor na candura das pétalas,
Flor na seda sutil do início...
Fui devoto à manifestação da beleza
Da menina que foi o mundo.

Poderíamos ter arrimo na carne,
Mas o elo sensível sustentou
O amor etéreo indizível,
O afeto na trança das mãos.

Mais de três voltas no calendário
Foi o tempo eterno que pudemos,
Nos despedimos continuando
O que nunca terá fim.

Tua grandeza de alma
E teu coração generoso
São exemplos de tua claridade humana,
Elevas ao zênite a palavra pessoa.

A Terra girou no espaço
Incontáveis marcações da história,
Seria justo que pudéssemos
Ainda reverter o impossível.

PARAÍSO

Se eu tivesse que colocar pessoas
No jardim sagrado do Paraíso,
Eu daria privilégio à tua presença
Na formação divina daquela paragem.

Disse o filósofo: “Deus está morto”,
Mas explano: não está morta a beleza,
Nem o conhecimento, nem o sentimento,
Nem o ser de consistente elevação.

A maçã oferecida no pecado original,
Tão condenada nas Escrituras,
Pode não entender o supremo Paraíso
De estar com quem se quer algures.

REVELAÇÃO

O mundo é complexo,
A vida é complexa
E a fazes mais complexa ainda
Com teu desejo de patamares exigentes.

Amas a demência de Dom Quixote
E seu propósito algo poético,
O desamparo do sonho,
A transfiguração da realidade.

Nesta madrugada escrevo para ti
O quanto te quero,
Mesmo em face de tua recepção difícil
Dedico a flor do sentimento...

Ah! Se o mundo fosse todo sonho!
E nele habitássemos desprendidos
Das rigorosas convenções
De maneira a permitir
O mais profundo movimento do amor!

Estamos dispersos na noite silenciosa.
Não seja em vão a procura obstinada,
O que buscamos na substância aleatória
Pode estar no resgate
De um beijo iluminado.

Que o floral da nossa afinidade
Nos revele a nós mesmos,
E desponha a cor da transparência,
Gravando em um abraço
A completude mais que desejada.

ESTA NOITE

Diz Gianluca numa obra-prima:
“Esta noite escreverei uma canção
Para sufocar por dentro uma explosão”.

Espero por ti até sem esperança,
Busco teu semblante no desenho da estrada,
Busco teus olhos que se dão a propagar...

Mas enunciam com tal força de segredo
Encobrimo teu guardado coração
Que suplico vislumbrar o sentimento.

Sangram as horas na crua distância,
Contém-se a expansão deflagrada
E assim ardo enquanto arde a madrugada.

TREVO

Um trevo de quatro folhas
Que eu junte ou tu colhas
Está bordado no capim,
Trará sorte para mim?

Assim eu quero o destino:
Um achado no tapete fino
Traduzido em comunhão feliz,
A sorte faça tua diretriz.

É singelo este poema,
Não traz em si dilema,
Apenas a pureza da intenção
De tratar bem esta paixão.

Nem sei se imagino o ideal
Do enlace campestre afinal
Unidos pelo trevo delicado
Descoberto no relvado...

Pelo campo florido andaremos
Sem conter o que queremos,
Venha a sorte revelar
Este tão profundo desejar.

VELEJAR

Tenho velejado por incertos oceanos,
Sempre convicto e sem enganar,
Para chegar na enseada maravilhosa
Daquela que indizível é formosa.

Há em meus olhos decididos
A busca tenaz e sonhos insistidos,
Não vou desistir deste querer,
É bom fazê-la perceber.

Suportar a paixão será preciso,
E a paixão arde no imprevisto,
Tem veludo o som de cada suspiro,
Mas é intenso quando recorde ou admiro.

Guimarães Rosa disse bem:
“Despedir dá febre”, e vou além:
Apaixonar-se dá febre igualmente,
Sentimento que flui incontinente.

DEMÁSIA

Ando bebendo vinho em demaisia:
Provavelmente a falta que me fazes
Nestas noites de inverno sulino
De paragem congelada e geada contundente.

Referente a ti agora ando sabendo
Que tens experimentado diversos namorados,
Mas todos vêm e vão num sopro
E assim será na totalidade dos eventos.

Não firmarás constância nos amantes,
Pois eu sou o teu par de substância ideal,
Combinamos uma visão de mundo
Centrada na qualidade do prazer estético.

Estaria eu enlouquecendo neste vinho
Para amenizar essa ausência pungente,
Fixado numa linda música italiana
E aderente na teia da paixão?

A bela distinção nos reúne sempre
Num universo de admiração comum,
Não podemos negar que somos convergentes,
Clamam os lábios acesos no desejo.

FLORES DE MAIO

“Basta você me calçar
Que eu aqueço o frio dos seus pés”
Diz a música Sapato Velho
Cantada pelo grupo Roupas Novas.

“Flores de maio azuis
E os seus cabelos enfeitar”
Diz a letra que acompanha
O teu desenho das flores azuladas.

Em alguma dobra do tempo,
Escondeste a passagem das horas,
Continuas jovem e linda,
Brincas de enganar o transcurso.

O tempo está cristalizado
Para o realce de tua beleza.
Pergunto à sábia Pitonisa:
Qual a fonte de tal encanto?

Os vapores do Oráculo de Delfos,
No transe da enigmática intercessora,
Dizem que tua alma luminosa
Transborda na estética da forma.

NUMA TARDE

O vento numa tarde azul,
No Pampa da América do Sul,
Diz na folhagem a cantiga.
Alguma esperança fustiga?

O doce floral da primavera
Cores e aromas reitera,
Observo a distinta beldade
Tocar o verde com habilidade.

O vento sabe segredos,
Soprou no palpitar dos enredos,
Viu corações se partirem
E mãos dadas seguirem.

Ó vento! Me conta sobre ela
Que é flor difícil e bela,
A rajada e o volátil suspiro
Se unem enquanto deliro.

ALIANÇA

Elaboro a canção epitalâmica,
És flor de pétala balsâmica,
Me fazes desejar a aliança
Da vida que na vida se trança.

DESENHO

Poderias desenhar a alma?
Pois já não tenho calma,
Gastei todas as camadas do ser
Despido por muito te querer.

NÃO CREIO

Não creio num coração de pedra
Onde a indiferença medra,
Não és assim e aposto no pleno
Que sentes meu passional aceno.

AMANHECER

Tomei vinho até clarear o dia,
Vai ganhando nitidez a cercania,
A esta hora dormes faltando saber
O quanto não consigo te esquecer.

NÃO ME NEGUES

Não me negues teu calor
A ponto de eu mendigar o teu amor,
Há tanta vida pra viver,
Tanta comunhão pra acontecer.

ROSÁRIO

Na tua ausência e nas demoras,
Vou contando o rosário das horas,
Em vão espero-te chegar
No exercício da “arte de esperar”.

A ELAS

Queridas amigas da adolescência:
Vocês repercutem essenciais
Na coletânea das minhas emoções,
São parte da construção da minha história,
Éramos mais sentimento juvenil
Do que produto da experiência.

Perdoem por toda a suspirália
Que eu não soube interpretar,
Seria possível fazer mais por nós
Embora nos acarinhássemos com gestos espontâneos
Em madrugadas ganhas ou perdidas,
Tudo era leveza nas cruas relações.

Se recuperássemos o tempo que se foi,
Eu amaria a todas com mais afinco,
Não perderia uma nesga de noite,
Espalharia amor na pele por igual
E cravaria na nudez da amizade
Algo mais que pudéssemos lembrar.

IMAGINAÇÃO E REALIDADE

Uma vez escrevi um poema louco
Para ti,
Episódio que eu não sabia
Que tinha existido
E foi só no sonho que existiu.

Idealizei o amor descrito,
Mas que no transe aconteceu
Tão intenso que te feriu.

Dois poemas constituí:
Um idealizado imaginando nosso encontro,
Um realizado na forma mais selvagem.

Agora a terceira via te escrevo
Apenas para dizer
Que ainda sinto saudade
E que deixaste em mim
Algo perpetuado
No tempo e no espaço.

Sabemos o quanto é forte a noite.

Os dois poemas anteriores
Dão substrato à lembrança densa
Do poema de agora,
E lembro com densidade tua imagem,
E minha imagem tens inesquecível.

Eras a precisão da beleza!
Alguns dos nomes recorrentes
Em meu leito são Lucianas.

PASSAGEM

Numa daquelas noites de balada,
No porão do bar-pub Iguana,
Chegaste improvável a meu ser
E acertamos uma passagem para a luz.

Entre as sedutoras possibilidades da noite,
Ofereceste abrigo intencional e seguro.
Enquanto a música líquida soava,
Arranjamos nosso selo de casal.

Estendeu-se a madrugada nos lençóis,
Deciframos o contato imprevisto,
Cúmplices na emissão de cada movimento
Nos pertencemos à margem da austeridade do mundo.

Depois, de volta à casa de festa,
Pressagiamos que tudo há de se acabar,
Apesar da vitória havia o destino
E hoje não consigo lembrar teu nome.

INEVITÁVEL

Beatriz, minha namorada doble-chapa,
Bálsamo depois de um tempo conturbado,
Foi devota a uma relação reparadora,
Uma convivência de paz enquanto pudemos.

As noites de vinho no Uruguay-Brasil,
O chimarrão com erva doce,
O ravióli com carne em sua sala,
A janela de onde eu mirava a Sarandi...

O interesse crescente na união possível,
A soma da cultura binacional,
Nossa viagem a Montevideú,
A música *La Mia Storia Tra Le Dita...*

Nosso encontro foi um paradigma,
Formamos um par promissor,
Havia o emblema do carinho certo,
Muitos eram os predicados de casal.

Mas fomos atropelados pelo transe
Imposto a mim durante décadas:
As noites na crueza das ruas
Que me levavam às mil amantes.

O adeus foi inevitável um dia,
O cão Níki que me deu de presente
Não mais lhe viu chegar festiva,
Tantas coisas no vão se desfizeram.

PROXIMIDADE

Quando tuas veias transitam
O álcool diluído,
É que te sinto
Mais próxima de mim.

O porre é o estado de alma
Em que dás de ti
E eu espero ávido a oferta.

Só a tontura te confessa
Expondo a imagem sensual.
Entregas, no delírio irreverente,
A confusão do sentimento.

Existe a normalidade dos fazeres
E existe teu instante alterado
Exalando um convite no ar.
Debruço meu desejo
Sobre o éter liberado.
Devemos fechar a noite
Para a festa particular
Sob as estrelas?

O ideal é nos perdermos
Desprovidos do juízo vigilante
E bebermos o cálice derradeiro
No recipiente do sexo extasiado.

A UMA CERTA GAROTA

Tenho que esfriar o coração,
Imediatamente esquecer...
Estou com o coração quente,
Viajo na paixão
Talvez inconveniente,
Não é o que deveria acontecer.

Esfumar-me-ei na bruma,
Vou beber, do vinho, a espuma,
Alargar a noite em boemia,
Voltar quando começa o dia.

Pesa o juízo inexorável,
A ressaca do movimento instável.
Quiçá nos venha a severa contrição.
Terá este desejo algum perdão?

Mas os dias abandonados em sequência
Recomendam não perder a experiência
Que o lábio sedento principia
E dá a culpa por tardia.

SOL NOTURNO

Fada de corpo elegante,
Estampa de mulher cativante,
Por alamedas do sonho...
Desejo e tanto me exponho.

Quero pedir-te em namoro,
Meus sentidos fazem coro,
Quando chegas no lençol
Aqueces com noturna luz do Sol.

Quero concretizar acordado
Nosso vínculo sonhado,
Tecer na beira do Lago
Teu consentir que eu afago.

Um beijo pra selar o início,
Depois fazer amor como vício,
Sentir o fluxo de mim
Chegar a ti feliz assim.

POUSADA SÍTIO DA ESPERANÇA

Na pousada do Morro da Borússia,
Em meio à exuberante Mata Atlântica
Que nos cerca de todos os lados
Passamos um par de dias felizes.

A cachoeira e sua torrente de beleza,
A relva macia sob o sol de junho
Foram agrado para o repertório dos sentidos
Em nossa estada nas alturas naturais.

Todas as variantes do amor experimentadas
No calor da esposa e namorada
Fizeram-nos chegar plenos ao destino,
Destino que se faz objetivo dos amantes.

A lareira incandescente e o desenho do fogo,
Um vinho seleta que faz rubro o aconchego,
Internos na cabana aprazível...
Assim cumpriu-se a rima no tempo do casal.

A bergamota colhida no pé e degustada,
O buquê de rosas e o tapete de pétalas,
Levaremos da pousada Sítio da Esperança
A certeza dada pela nossa comunhão.

A UMA DAMA BREVE

Nossa afinidade rimou imediata,
Cruzamos parte da noite
Discorrendo sobre arte e cultura,
Estabelecendo um projeto comum.

A estrada para nós era linda e promissora,
Contudo uma legião do mal
Afastou-te de mim e abreviou tuas palavras
Convertidas, por fim, em silêncio.

Não compartilhamos o aprendizado
Que os corpos teriam um do outro
Ritmados à nudez da noite
Até que o afeto se fizesse aderente.

Para onde irão os gestos perdidos?
E o beijo em desejante entrega?
E as mãos trançadas no tato de seda?
E a chance para a intersecção das almas?

É difícil assimilar o nunca mais,
Olhar a estrada não percorrida,
Ver significado na conexão breve,
Tudo o que foi sem ter sido.

AFINIDADE

Na luz da aurora ou do poente,
Tua imagem veio rente
Tangenciando o teor do coração,
Agora digo esta confissão.

Teremos sido já amantes
Nos lençóis noturnos de antes?
Se não fomos logo seremos,
Na galáxia nos conheceremos.

Numa afinidade espontânea
Sinto a figurativa coletânea
De cada expressão do teu rosto,
Ventura é sorver o teu gosto.

Considera este poema-proposta:
Queria deixar-te a mesa posta
Após amar-te acordado
E sonhar o amor extasiado.

ESTRANHA METAFÍSICA

Surpreendo-me pensando nela,
Ligação que se mostra bela,
De certo ela também pensa em mim,
Existe um sentimento afim.

Temos agora um relacionamento
Que se dá no elo do pensamento,
Manifestação de duas vontades
Na distância ou nas proximidades.

Surpreendo-me pensando nela,
Musa de nome Gabriella,
Convido para que sempre venha
No fazer amor que retenha.

Viajando na conjugação mental
Estabelecemos a busca natural
De um no outro pensar
Com estranha metafísica de amar.

CARMEM

Talvez eu não tenha compreendido
O quanto foste leal a mim.

Salvaste minha vida numa noite extrema,
Tentaste me proteger de parceiras
Envoltas em obscuras intenções
E me deste amor legítimo,
Um amor livre e constante
No tempo de nossa relação.

Só me cabe agradecer-te, ó querida,
Ainda te busco numa sondagem
Quase sem esperança,
A última notícia provinda de ti
Aponta que partias ao mundo de Brasília
Para tentar a sorte.

Permanecerão nossas noites
Ternas de motel ritmado.

Mil vezes obrigado, paixão,
O instante passageiro se faz empedernido,
E oscila fugaz para sempre,
E eu nem disse o quanto te quero
No ensejo dos momentos conjugados.

DESTREZA

És mestra na língua e nos lábios,
Em teus agrados tão sábios.
Tens a destreza superior
Envolvente no ritmo do sabor.

Tua carícia desliza magia,
Teu palato assim delicia,
Estrela que se obtém de aluguel
Afeita aos labores de hotel.

És linda e também sombria,
Tens perceptível elegia,
No olhar e no desenho tudo certo,
Mas não é prudente seguir perto...

Nosso encontro fugaz é um rito,
Somente uma vez eu cogito...
E nunca mais nos veremos,
Memorável o ato que fizemos.

GAROTA DA VIDA

Garota da vida, da noite borgense:
Fui em tua casa de encontros.

Eras realmente um primor,
Eu te quis com todo o meu desejo,
Mas o momento não era favorável,
A legião adversa de sempre
Imprimia os seus males em meu destino
E não utilizamos a noite para nós.

A despedida sem nossa comunhão
Teve sabor do que se realiza no ar
Com uma certa comoção da falta.

Hoje, passados dezesseis anos,
Penso se ainda estás na mesma vida,
Talvez sem o mesmo brilho de antes.

Querida, eu estou vencendo os concursos
Que a vida propositiva estabelece,
Mas temo que não tenhas a mesma sorte,
Talvez estejas muito longe perdida.

Estou por aqui sendo um Rolling Stone.

Tivemos só uma chance de encontro,
Todos os demais eventos são desencontro,
Mas te carrego sensual na lembrança
Mesmo sabendo que no tempo te perdeste.

ROSÁRIO

Foi no calendário de 2004 e 2005,
Eu permanecia em Rosário a trabalho
De segunda a sexta
E parava no hotel Areias Brancas.

Eu tinha o apartamento número 1
Reservado para mim por distinção.
Por algum período experimentei
A Cidade que abriga o Rio Santa Maria.

Os churrascos memoráveis
Com os colegas da Corsan
Ao som de minha voz e violão
Eram momentos agradáveis de lazer.

O peixe no restaurante da praia
Que não cheguei a degustar,
A Marcinha do bordel da beira da estrada,
Minha parceira de cama
Numa noite consumida,
Na viagem do sexo à luz vermelha...

Marcinha que tinha precisão nos contornos,
Um desenho ideal à luz da noite,
Foi uma flor de estética vulgar,
Contudo se mantém no pensamento.

Hoje penso naquela época
De tantas coisas prósperas ou difíceis,
Eu estava dando uma pausa na bebida,
Enquanto a legião do mal
Prejudicava meu repertório amoroso.

Nas dependências do apartamento 1,
Eu assistia a clipes na TV,
Depois subia para o café noturno
E construía os instantes possíveis
Para o rosto daquele tempo.

AMENDOEIRA

“Eu quero a estrela da manhã”

Manuel Bandeira

Amendoeira de fruto disponível,
És fácil no encontro factível,
Sempre estás a esperar
O tato objetivo a balançar.

Amendoeira que pouco escolhe
A calidez ou a friagem que colhe,
És leal assim como poucas
Por algumas moedas roucas.

Amendoeira sem qualquer pudor,
Ofereces repisada flor,
Tenho abrigado paixões
Que ardem e depois são ilusões.

Amendoeira, quero te dizer:
As mulheres que almejo ter
Dão esperança de comunhão,
Mas iludem a crua paixão.

Amendoeira, tenho tentado...
Só tu és receptiva ao fado
Do amante que busca sabor
E companhia que estenda calor.

DORAVANTE

Daqui a possíveis três dias,
Na providência das magias,
Nossos caminhos vão se cruzar
Na seda de um lupanar.

O que estás fazendo agora
Enquanto minha intenção te namora?
Neste exato instante
Teu nome de trabalho vai adiante?

Imagino-te sensual e bela,
O corpo lindo que se desvela,
Quero o vínculo improvável,
Adivinho teu semblante adorável.

Na casa de encontros Dominó,
Por algum tempo não estarei só,
E teremos nuances da vida
A compartilhar doravante, querida.

ENIGMA

Teu olhar é um enigma.
Guardará algum estigma?
Difícil de início decifrar,
É belo e velado teu olhar.

No começo pareces distante,
Apenas a beleza relevante
Transluz a obra-prima
Do teu ser que fascina.

Mas na hora do amor
Logo muda teu pendor,
Dás a carícia agradável
Do teu calor memorável.

E próxima na intimidade,
Os cabelos de claridade,
Corpo e rosto perfeitos,
Abalas a razão dos preceitos.

MEUS DIAS

Sem ver o que alcançarias
Vieste iluminar os meus dias.
Saber que temos uma história
Confere realce à trajetória.

És uma garota primorosa,
És acompanhante venturosa,
Mesmo quando distantes
Nos recordamos amantes.

Assim ocupamos o espaço:
Em nós o reticente compasso
Deixa um vestígio brilhante,
Noturna ligação pervagante.

Sem ver o que alcançarias
Vieste iluminar os meus dias.
Madrugas na casa festiva,
Estranho amor que cativa.

DE VOLTA

Pois voltar à casa vermelha
Em tempos de peste pandêmica
Implica sempre um risco,
Jogar os dados com a morte.

O ato precavido se impõe,
O teu carinho permissivo
Deverá ter o movimento calculado
Para que Vênus nos proteja.

Algumas léguas no deserto
Me levam à fonte tão vulgar,
Carente do abrigo miraculoso
De um oásis de reciprocidade.

Sacerdotisa da casa vermelha:
Darás alegria para o corpo
E talvez benefício para a alma,
Tecendo a tarde com amor venal.

CONVITE

O lago dos teus olhos cintilantes,
Azuis, cristalinos, fascinantes,
Puxa-me para dentro de ti,
Mergulho na água que senti.

Esperei a licença do teu olhar
Nesta temporada rente ao mar
Para escrever, enfim, este poema,
Teus olhos te autorizam como tema.

A estampa europeia que tens,
A alvura da pele que susténs
São desejo secreto de tocar-te,
Quem dera a ventura de afagar-te.

Fica este poema inconsequente
Como um convite vago e evidente
Para visitares minha vida
Sempre que quiseres, ó querida!

MUDANÇA

Nossas conversas inspiradas e inteligentes
Se desenvolveram na interface social,
Na aproximação natural
De dois mundos separados,
Na segurança dos limites.

Mas numa madrugada o vínculo mudou
E nos pertencemos.
Os dois mundos separados
Passaram a ter intersecção,
O cenário emocional se transformou,
Coisas próprias do fazer amor.

A partir de então,
O olhar no olhar queima,
Há uma certa tensão nas palavras,
Ganhaste território em mim,
E ganhei território em ti.

Por que o ato amoroso
É um divisor de circunstâncias,
Dando ligação ao que era separado?

O sexo é sempre
Uma ponte entre dois mundos.

A UMA BELA FLOR

Nestas férias não fui ao mar,
Mas fluímos no vaivém de amar,
Nós tantas vezes acostumados
À formalidade fomos namorados.

Isso vai marcar o período livre,
Uma bela flor que tive
E vou guardar no repertório emocional,
Flor que deu no tarô afinal.

Talvez seja mesmo algo de mudança
Como a carta disse que alcança,
Eu, cético como sempre sou,
Gostei da coincidência e me bastou.

Ouvi dizer: “A vida é agora”,
Tudo clama prazer sem demora,
O bom senso somado ao desejo
Faz da experiência um arpejo.

PARA AS MUSAS FUGAZES

Fico pensando nas mulheres
Para as quais não escrevi
Uma linha que seja.

Por que não lhes destinei laudas?

Sim, várias me foram prazer
Em tempos e lugares diversos
E mesmo assim são fugazes.

Mas não é tarde para este culto,
Reúno a todas neste canto
E a todas dedico os instantes
E a caligrafia que agora faço.

Foram mulheres incontáveis!

Minhas queridas amantes
De ausência no tecido formal,
Por vezes em vagas nuvens
Eu as vejo na incidência crua.

Estão todas contempladas
Neste poema do não esquecimento.
Num dia perdido na história,
Imprimiram no sabor seus emblemas.

SAIBAS

“Venha, que o que vem é perfeição”
Legião Urbana

Eu te espero na crueza da hora,
O desejo vencendo a dispersão,
Quero estar acordado
Quando meu lábio delirar em teu lábio
E eu tocar, enfim,
O delta do teu sexo.

Miro a exatidão de teu corpo,
Teu mundo de sigilos
Que busco decifrar
E entender tua inexplicável solidão,
Enquanto sou febre passional.

És uma joia de alto quilate
Fabricando saliva em minha boca,
Serias um presente dos deuses,
Mas como exercício de crueldade
Ofereces toda tua ausência.

Meu olhar estendido
Vai te perdendo a cada passo.

Tento proximidade na incerteza,
A esperança machucada
Deseja que saibas
Que se houvesse ao menos uma chance
Virias a mim e serias perfeição.

CONSELHO

Se baseado na minha trajetória da existência
Eu tivesse que te dar um conselho,
Eu te diria:
Procura fazer sempre o que gostas,
Trabalha naquilo para o qual tens vocação,
Relaciona-te com pessoas do bem,
Que façam sintonia para o alto
E que tenham interesses comuns aos teus.

Tenhas noção que o amor e a arte
São as coisas mais maravilhosas que existem
E o prazer e a felicidade
São coisas essenciais e sagradas,
Que estão na mais grandiosa plenitude.

Li um texto que diz:
“Dentro de algumas horas,
O dia de hoje se despedirá para nunca mais”
E complemento: levará com ele
Todas as oportunidades que nos ofertou
E nem sempre aproveitamos.

Portanto ousa, vive de maneira intensa,
Sempre com bom senso.
Celebra a existência todos os dias,
Busca o prazer possível em cada momento,
Compreende a delícia e o encanto
De estarmos vivos no tom da claridade.

O AUTOR

Ricardo José de Souza Almeida nasceu em Sant’Ana do Livramento/RS, em 1962. É poeta, cantor, compositor, escritor, roteirista de cinema e engenheiro graduado pela UFRGS.

Em 1986, participou de um concurso de crônicas, contos e poesia promovido pela Prefeitura de Porto Alegre, sendo selecionado nas três categorias e premiado, em 1º lugar, com a crônica “Céu do Passado”.

A partir de 1991, passou a colaborar com textos literários para jornais. Conquistou o 1º lugar no Concurso de Poesias do Grêmio Literário Castro Alves, com o poema “Usa Tua Voz”. Foi premiado em diversos concursos de literatura.

Em 1993, lançou o livro de poesias *Trança de Passamanes*, pela Editora Grafos.

Foi nascente e membro-fundador da Academia Santanense de Letras, que em 1995 teve o ato de sua fundação.

Em 2003, lançou o livro de poesias *A Miragem e os Argos*, pela Editora Movimento.

Em 2005, lançou o CD *AMORTOTAL*, gravado no Estúdio Rastros. Iniciou o projeto de composições Rolling Stones.

Em 2006, conquistou o 3º lugar no Concurso de Poesia Nelson Fachinelli, promovido pela Casa do Poeta Rio-Grandense, com o poema “Feriado no Parque”. Obteve várias outras premiações.

Em 2009, concluiu, com nota máxima, a Pós-Graduação em Literatura Brasileira pela UFRGS.

Em 2010, lançou o livro de poesias *Estação Hipnose*, pela Editora Alcance, e o CD *Onírico e Real*, gravado no Estúdio Rastros.

Em 2011, lançou o livro *Sonetos de Nuance Livre*, pela Editora Alcance. Conquistou duas menções honrosas no Prêmio Lila Ripoll de Poesia, promovido pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, pelos seus poemas “Limbo” e “Louvação”.

Em 2012, foi um dos três premiados no Concurso Cultural Porto Alegre,

Meu Lugar, promovido pelo jornal Correio do Povo, com apoio da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Teve o poema de sua autoria *O Apanhador de Flores* selecionado no concurso Histórias de Trabalho, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre.

Em 2013, lançou o livro de poesias *A Textura das Nascentes*, pela Editora Alcance. Escreveu o argumento do filme *Estação Hipnose* e o argumento *Estação Hipnose – Episódios*. Teve a história “Almoçando com Afrodite”, de sua autoria, selecionada no concurso Histórias de Trabalho. Teve sua música “Retratos do Guaíba” premiada com o 1º lugar na categoria “Cultura, Arte e Espiritualidade”, na VIII Mostra de Trabalhos do Lago Guaíba, organizada pela UFRGS e pelo Comitê do Lago Guaíba. Realizou apresentações em bares e espaços culturais, cantando e tocando violão.

Em 2014, lançou o CD *Claves de Música Nua*, em gravação artesanal. Concluiu o volume de textos *Atril – Um Caminho* e o volume *Conjecturas I*. Continuou com as apresentações musicais.

Em 2015, publicou o livro *A Semântica da Pétala*, pela Editora Alcance. Conquistou o 1º lugar no 10º Concurso Internacional Poetizar o Mundo, com seu poema “Plenilúnio”, concurso que teve 425 poemas inscritos. Foi premiado com menção honrosa no concurso Valor Literário, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Sant’Ana do Livramento por sua crônica “Pequeno Ensaio sobre o Poder”. Criou uma estrutura de poema que consiste em quatro quartetos, rimas emparelhadas e três sílabas fortes por verso (lembrando que existe a tensão rítmica). Tem usado essa estrutura em vários poemas. Denominou-os de poemas ricardianos.

Em 2016, foi um dos selecionados no VI Concurso Nacional de Pintura, Poesia e Desenho Arte de Viver, realizado pelo Ministério da Cultura, através da Lei de Incentivo à Cultura, com seu poema “Altar da Floresta”. Lançou, em meio digital, os volumes de textos *Conjecturas 2* e *Conjecturas 3*. Continuou a realizar apresentações musicais em bares, saraus e espaços culturais. Com seu poema “A Nuvem”, conquistou o 3º lugar no Prêmio Lila Ripoll de Poesia, promovido pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Seu poema “Epílogo” foi um dos selecionados no concurso Poemas no Ônibus e no Trem, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre.

Em 2017, lançou seu quarto CD, em meio digital, intitulado *O Tecido Versátil*, gravado de maneira artesanal. Escreveu textos breves denominados *Boletins*. Tem apresentado o repertório de seus shows “AMORTOTAL” e “Luzente”, com músicas de sua autoria. Começou a ter vários de seus poemas selecionados para publicação na revista Gente de Palavra. Conquistou, na 1ª Olimpíada Poética e Musical, promovida pelo artista Luca Risi, em evento realizado na Câmara de Vereadores de Porto Alegre, o 1º lugar em música e o 1º lugar em poesia, recebendo os troféus Lupicínio Rodrigues e Nelson Fachinelli. Concluiu o volume *Conjecturas 4*. Iniciou o projeto de composições *Plural Top*.

Em 2018, lançou, em meio digital, o volume de textos *Conjecturas 4*. Continuou a ter poemas seus selecionados para integrarem as revistas do grupo Gente de Palavra. Continuou com as apresentações musicais.

Em 2019, publicou os livros de poesia *A Consistência do Verbo* e *A Sudoeste do Sul* pela Editora Movimento. Já compôs mais de 2000 músicas e escreveu mais de 2000 poemas. Concluiu o volume de textos *Conjecturas 5*. Continuou com as apresentações musicais.

Em 2022, conquistou o segundo lugar no concurso Poemas à Flor da pele, com o poema “Trevo”.

Em 2023, lança o livro *A Preciosa Substância*, pela Editora Alcance.

Reside em Porto Alegre.



 (51) 9 8535.3970  (51) 3268.7803

 rossyr@editoraalcance.com.br

 /EditAlcance  @editoraalcance_oficial

 www.rossyrberny.com / www.editoraalcance.com.br

 Rua Bororó, 5 - Bairro Assunção - PoA/RS - 91900-540